

ARISTÓTELES E A MODERNIDADE: RUPTURA METODOLÓGICA E AS DIVERGÊNCIAS ENTRE TEORIA E FATO

BRAGA, Bruno Botelho¹; HOBUSS, João²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Curso: Filosofia (Bacharelado); ²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ISP. E-mail (autor): brunobotelhobraga@yahoo.com.br. E-mail (orientador): joao.hobuss@ufpel.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, quando titubeamos ou decidimos indagar acerca do que seja a “física” ou qual seja o verdadeiro significado do termo grego *physis*, logo nos vem a lume uma ciência específica e independente, com seus próprios métodos e mecanismos quantitativos de averiguação da realidade, acompanhada de seus principais conceitos, como velocidade, temperatura, etc. Esta visão, moderna por primazia, começou a ser ensaiada a partir de uma dura crítica a física vigente até então e de seus peculiares métodos, que primava pela teoria acima dos próprios fatos. Seria difícil imaginar uma constatação ou demonstração científica sem a recorrência aos fatos, ou melhor, a busca de axiomas indubitáveis, pelo menos momentaneamente, na própria natureza e, procedendo indutivamente do particular ao universal, estabelecer leis gerais. Contudo, até a renascença, a teoria vigente, a aristotélica, era normalmente estudada e aprendida nas grandes universidades, e isso desde o surgimento destas no século XIII.

Quando Francis Bacon no século XVI, lançou sua obra intitulada “*Novum Organon*”, pretendeu precisamente substituir os métodos usados até então, acusando-os de serem meramente especulativos e de não possuírem nenhuma comprovação factual. O próprio título do opúsculo remetia ao nome dado ao conjunto de obras lógicas de Aristóteles que tinha por título “*organon*”, que em grego significa “instrumento”, obras estas que tinham por objetivo a comprovação e demonstração científica a partir de inferências dedutivas causais. A pretensão de Bacon era sem sombra de dúvida ardilosa e, como o seu título sugere, pretendia substituir o modo de se fazer ciência, pelo menos quanto ao método:

(...) Aristóteles estabelecia antes as conclusões, não consultava diretamente a experiência para estabelecimento de suas resoluções e axiomas. E tendo, ao seu arbítrio, assim decidido, submetia a experiência como a uma escrava para conformá-la às suas opiniões. Eis porque está a merecer mais censuras que os seus seguidores modernos, os filósofos escolásticos, que abandonaram totalmente a experiência. (BACON, F. 1997. P.50)

Esta passagem pretende ilustrar a ruptura radical em relação aos métodos que tanto a física quanto a ciência como um todo proporcionaram para com o modo de proceder de Aristóteles. O objetivo central deste trabalho é, portanto, precisamente aprofundar os principais conceitos, de índole metafísica e puramente especulativa que o estagirita utilizou para caracterizar sua teoria sobre a *physis*, e que levou pensadores a romper definitivamente com seus métodos, percebendo a divergência que a sua permanência suscitaria, já que sem um campo comum factual de verificabilidade, as opiniões teóricas iriam divergir por completo e sem consenso. Pode parecer um exagero acusar Aristóteles de tão profundos desatinos, já que não dispunha de instrumentos de medição e desconhecia totalmente o conceito de

mensuração para se deter tão concisamente a experiência. No entanto, a critério histórico e de acordo com nosso objetivo aqui exposto, críticas modernas serão estudadas com o objetivo de esclarecer tais conceitos e demonstrar como um a um foram sendo aniquilados e substituídos pela noção de realidade que possuímos hoje, totalmente dependente de métodos experimentais e submetida as contingências da natureza.

Começaremos pela análise de conceitos centrais da física aristotélica, como matéria e forma, ato e potência, de “organismo” e de conexão necessária entre fenômenos (que respalda no conceito de *kosmos*, ou “universo ordenado”), e principalmente sua teoria das quatro causas, serão examinados para formar um todo coerente de caracterização teórica da realidade. Em um segundo momento, procuraremos desconstruir o sistema aristotélico dialogando com a tese de Descartes sobre a obscuridade da teoria hilemorfista (movimento por potencialidade material e atualidade formal que se dá no seio do ser) que não se enquadrava nos parâmetros modernos de clareza e evidência empírica e, principalmente, com a tese de David Hume sobre a não realidade objetiva das conexões necessárias (crítica a causalidade), conceito caríssimo a filosofia e a ciência como eram vistas até então, provocando um marco divisor de águas em relação a clareza da possibilidade ou não de certezas no âmbito científico, reduzindo o escopo das capacidades epistêmicas humanas apenas a mera probabilidade e não mais a certezas absolutas, o que com o passar dos anos parece se consolidar cada vez mais.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O procedimento utilizado foi o de análise bibliográfica, para fazer os devidos levantamentos conceituais. No caso do autor central em discussão, qual seja, Aristóteles, foram utilizadas passagens centrais do núcleo argumentativo do autor, de traduções tanto portuguesas como estrangeiras de suas principais obras relacionadas ao tema, a saber, a “Física” e a “Metafísica”, bem como busca de passagens em bibliografias secundárias. A partir destas passagens, pretendemos estabelecer o diálogo e esclarecer os principais conceitos em questão. O diálogo com autores modernos sucedeu de forma similar, contudo, advertimos que nossa crítica a Aristóteles poderia soar anacrônica e sem sentido, já que foi um pensador circunscrito por seu tempo, porém, o objetivo aqui proposto foi o de utilizá-los como *background* para precisar e inter-relacionar alguns conceitos aristotélicos, já que na atividade de criticar, expuseram de maneira sintética os argumentos do estagirita de forma orgânica e sistemática, facilitando o entendimento. No caso de Hume, a crítica não é diretamente encaminhada a Aristóteles, mas está envolvido em nosso método direcionar sua crítica a causalidade para a compreensão de como este conceito “ancorava” os sistemas metafísicos até então, em especial o de Aristóteles, e, desse modo, um dos maiores “porquês” de ter sido necessário o abandono de suas teorias fica claro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A física de Aristóteles está assentada sobre bases metafísicas, a primeira é caracterizada pela existência de substâncias sensíveis corruptíveis e, por isso, móveis, enquanto a segunda, por substâncias imutáveis e imóveis, ambas se

entrelaçam, de modo que o imóvel fundamenta o móvel, pois o fundamento do móvel não pode também ser móvel, sendo, por isso, imóvel. A primeira teoria em análise é a teoria das quatro causas: causa material, formal, eficiente e final, esboçada, ainda que de modo obscuro, no trecho a baixo:

“Uma coisa será chamada causa *numa acepção* se for constituinte a partir do qual alguma coisa vem a existir (por exemplo), o bronze da estátua, a prata do cálice, e seus gêneros); em *outra acepção*, se for a forma ou o padrão, isto é, a fórmula de sua essência, e os gêneros desta (por exemplo, 2:1, e em geral o número, da oitava), e as partes presentes no relato; em *outra ainda*, se for a fonte do primeiro princípio da mudança ou do repouso (por exemplo, o homem que delibera é uma causa, e o pai da criança, e em geral aquele que faz aquilo que está sendo feito e o que produz a mudança daquilo que esta mudando); e em *mais uma acepção*, se é uma espécie de meta, isto é, aquilo em busca de quê (por exemplo, a saúde da atividade física – por que ele está se exercitando? – dizemos: “A fim de ser saudável”, e ao assim nos pronunciar julgamos ter enunciado a causa); e também todas as coisas que, quando alguma outra coisa as mudou, se acham entre o agente da mudança e a meta – por exemplo, o emagrecimento ou a purgação ou os remédios ou instrumentos de saúde; porque todas essas coisas existem em função da meta, diferindo entre si por serem algumas instrumentos e outras ações.” (ARISTÓTELES. 1984. Vol. 1. 194b 24-195a 3. P. 332-33)

Sua nomenclatura (teoria das quatro causas) não é aristotélica, provém de comentadores tardios e escolásticos. Segundo Aristóteles todos os seres sensíveis são um composto de matéria e forma (sínodo), estes são conceitos inseparáveis, sendo impossível de conceber suas existências empiricamente fora do composto.

Antes de caracterizar o movimento dos seres é preciso esclarecer alguns conceitos básicos importantes. Diferente de Platão, que estipulava um ser único, Aristóteles concebia o ser de vários modos: **essencial**, o ser em si mesmo; **acidental**, o ser predicado de algo não-essencial como “o homem é músico”, ser músico não é essencial ao ser como “o homem é branco”, predicado essencial de qualidade; **verdadeiro ou falso**, quando é atribuído ou retirado um predicado que pode ou não ser atribuído ou retirado devido a correspondência ou não com a realidade, tem-se um juízo verdadeiro ou falso do ser em relação ao predicado; **ato e potência**, o ser enquanto se movimenta, sendo aqui o que queremos esclarecer. Para Aristóteles o movimento é a passagem do ser em ato ao ser em potência. Matéria é a potência de qualquer ser, podendo ser atualizada por uma forma dada que a atualize. Caso não houvesse movimento, ambas, causas material e formal seriam suficientes para explicar a existência dos seres, mas, como a geração e a corrupção dos seres são constatadas, o movimento deve ser justificado por algo mais, é preciso uma causa eficiente que uma matéria disforme a uma forma e, causa final, que será a finalidade dessa união, por exemplo: uma cadeira é gerada por madeira (matéria disforme em relação a cadeira e com potencial de se tornar cadeira) e o artesão (causa eficiente) dá uma forma de cadeira e atualiza a matéria, sendo a causa final a cadeira pronta.

Evitando a dualidade ser e não-ser para explicar o movimento, fugia da necessidade de cancelar o movimento para preservar o ser, como os *eleatas*, que renegaram o movimento por acharem que só poderia haver ser e não-ser, e movimento seria a passagem do não-ser ao ser e isso era inconcebível, pois do não-ser que é nada, nada se gera. Em Aristóteles o movimento se dá no interior do ser com uma engenhosa articulação da categoria de relação: matéria é não-ser “em relação” ao ser em ato, mas ainda pode vir-a-ser por si. O ser se movimenta de 4 maneiras, embasado em 4 categorias essenciais: **substância** – geração e

corrupção; **quantidade** – aumento e diminuição; **qualidade** – alteração; **lugar** – translação.

Com relação às críticas de Descartes e Hume, a pesquisa se encontra ainda em fase de articulação conceitual, sendo concluída muito provavelmente antes do término da data de apresentação.

4 CONCLUSÃO

Decidimos trabalhar as noções de causalidade e hilemorfismo por termos estas como hipótese consistente dos erros cometidos por Aristóteles por submeter os fatos à teoria e, decididamente, pelo abandono de seu sistema metafísico, que já não mais supria as exigências empíricas do pensamento moderno. Uma urgente mudança de método parecia eminente, para não se incorrer em erros infantis por uma simples falta de clareza metodológica. Em suma, devia-se buscar os axiomas na própria natureza e, não, conformá-la a teorias especulativas, o que se mostrava até mesmo infrutífero, pois, devido à dificuldade dessa conformação, levava a necessidade de verdadeiros “labirintos” metafísicos para justificar tais teorias.

5 REFERÊNCIAS

ADAM, C e TANNERY, P. **Ouvres de Descartes**. Vol. 1. Paris: J.Vrin, 1982-91.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Introdução e comentários de. G. Reale. Vol. 2. 2ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Physics** (trad. R.P. Hardie e R.K. Gaye). IN: **The Complete Works Of Aristotle** (The Revised Oxford Translation, Ed. Barnes, J.). Princeton: Princeton University Press, 1984.

_____. **The Complete Works Of Aristotle** (The Revised Oxford Translation, Ed. Barnes, J.). Princeton: Princeton University Press, 1984. 2 vols.

BACON, F. **Novum Organum**. IN: Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1997.

BARNES, J. **Aristóteles**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HUME, D. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: UNESP, 2001

KREIMENDAHL, L. (org.). **Filósofos do Séc. XVII**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

PELLEGRIN, P. **Vocabulário de Aristóteles**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

REALE, G. **História da Filosofia Grega e Romana. Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2007. Vol. IV

REALE, G. **Introdução a Aristóteles**. Lisboa: Edições 70, 1997.